

# A LINGUÍSTICA TEXTUAL E A CONSTRUÇÃO DO TEXTO: UMA DISCUSSÃO ACERCA DOS FATORES DE TEXTUALIDADE

Max Silva da Rocha<sup>1</sup>  
Maria Margarete de Paiva Silva<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Alagoas  
E-mail: [msrletras@gmail.com](mailto:msrletras@gmail.com)  
E-mail: [margarete\\_paiva@hotmail.com](mailto:margarete_paiva@hotmail.com)

**Resumo:** O ensino superior brasileiro tem como suporte o ensino, a pesquisa e a extensão. A pesquisa se constitui em algo imprescindível para a obtenção de resultados, sejam eles parciais ou conclusivos. É por meio dessa cientificidade que abordamos esta pesquisa com o intuito de discutir os fatores de textualidade. Sabemos que o texto é uma fonte de comunicação, que deve ser bem construída para que os participantes da interação possam entender o que está escrito. Comunicar não é tarefa fácil, embora alguns pensem o contrário. Não é qualquer frase ou palavra que exprime exatamente o que desejamos, ou que revela o objetivo pretendido ao escrever, afinal o interlocutor precisa entender a mensagem que se transmite através do todo semântico. Dessa forma, nem tudo que se escreve se configura um texto. É nesse âmbito que nos propomos levantar uma discussão acerca da linguística do texto e dos fatores de textualidade, como aspectos fundamentais na construção do sentido. Esse é o enfoque que constitui o objetivo central deste estudo. Parte-se aqui do pressuposto de que a finalidade precípua de um texto é estabelecer a comunicação entre os parceiros do processo comunicativo e, desse modo, garantir a significação. Tomando como base o pressuposto de que o texto é uma fonte de comunicação que deve ser dotado de sentido, os elementos de textualidade: coesão, coerência, intertextualidade, intencionalidade, informatividade, situacionalidade e aceitabilidade, são fatores fundamentais na construção textual. Para dar cumprimento a esta pesquisa, recorreremos a diversos autores como Antunes (2005, 2009), Cagliari (2009), Bakhtin (1995), Fávero (2003), Koch (2004, 2014), Marcuschi (2008, 2012), além de outros teóricos. Portanto, acreditamos que os critérios de textualidade precisam ser melhores trabalhados em sala de aula, pois eles são fundamentais e precisam ser utilizados para que o texto se torne coeso e coerente.

**Palavras-chave:** Linguística textual. Fatores de textualidade. Construção textual.

**Abstract:** The Brazilian higher education is to support teaching, research and extension. The research is something essential to getting results, whether partial or inconclusive. It is through this scientific approach to this research in order to discuss the textuality factors. We know that the text is a source of communication should be well built for the participants of the interaction can understand what is written. Report is no easy task, though some think otherwise. Not every word or phrase that expresses exactly what we want, or that reveals the intended purpose in writing, after the caller needs to understand the message that is transmitted through the semantic whole. Thus, not everything that is written is configured text. It is in this context that we propose to raise a discussion about the language of text and textuality factors as fundamental aspects in the construction of meaning. This is the approach that is the central objective of this study. a party here the assumption that the main purpose of a text is to establish communication between the partners in the communication process and thereby ensure significance. Based on the assumption that the

---

<sup>1</sup>Graduando do 7º período do curso de Letras-Português pela Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL *Campus* III, em Palmeira dos Índios – AL. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBD/CAPES/UNEAL.

<sup>2</sup>Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Professora Assistente do Curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL *Campus* III, em Palmeira dos Índios – AL.

text is a source of communication that should be endowed with meaning, the textuality elements: cohesion, coherence, intertextuality, intentionality, informativeness, situationality and acceptability are key factors in textual construction. To comply with this research, we turn to several authors as Antunes (2005, 2009), Cagliari (2009), Bakhtin (1995), Favero (2003), Koch (2004, 2014), Marcuschi (2008, 2012), and other theorists. Therefore, we believe that the textuality criteria need to be better worked in the classroom, as they are critical and need to be used so that the text becomes cohesive and coherent.

**Keywords:** Textual linguistics. Textuality factors. Textual construction.

## **Introdução**

A linguística textual, doravante LT, surgiu na Alemanha na década de 1960. Essa corrente teórica transformou os métodos de trabalhar o enunciado. Se antes da LT, a análise se limitava apenas ao nível da frase, passou-se então a estudar o texto numa perspectiva interacional. O uso da língua na interação social e num determinado contexto, ou funcionalismo linguístico, é abordado pela LT, subárea da linguística moderna.

No início de seu surgimento, essa linha de estudos não se preocupava com o texto em si, pois de acordo com Koch (2004, p.7) “A linguística textual teve inicialmente por preocupação descrever os fenômenos sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados ou sequências de enunciados, alguns deles inclusive, semelhantes aos que já haviam sido estudados no nível da frase”. Nesse sentido, apenas as frases eram tidas como elementos de análise, porém com a expansão da LT a partir da década de 1970, começa-se a ter interesse pela unidade básica de sentido, o texto.

Mesmo com o interesse pelo todo significativo, a maior preocupação dessa corrente linguística com o seu objeto de estudo adquire destaque na década posterior, visto que “somente a partir de 1980, contudo, que ganham corpo as Teorias do Texto [...]”, conforme ressalta Koch (2004, p.8). Com essa expansão, vemos as grandes investigações e as novas tendências para o estudo e ensino da materialidade textual tanto em língua materna como também estrangeira. Vê-se, pois, que o texto passa a ser o foco de estudos dessa área linguística. Sobre esse entendimento, Koch (2004, p.11) salienta:

A Linguística Textual toma, pois como objeto particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto. O texto é muito mais que a simples soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é sim, de ordem qualitativa.

Desse modo, a LT passa a dar importância aos fatores e critérios de textualidade contidos na manifestação linguística. Estudar o texto é estudar uma estrutura dotada de sentido, com objetivações e intenções definidas, pois de acordo com Cavalcante *et al.* (2009, p.25-26) sabemos que “não há, pois, discurso neutro ou inocente, uma vez que ao produzi-lo, o sujeito o faz, a partir de um lugar social, de uma perspectiva ideológica e, assim, veicula valores, crenças, visões de mundo que representa os lugares sociais que ocupa”. Da mesma maneira ocorre com o texto.

O texto é, pois, materializado na comunicação verbal, mais precisamente, pela concatenação das ideias. Nas palavras de Koch (2014), a LT trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Desse modo, a teoria do texto está permeada por um viés interdisciplinar, visto que lança olhares para uma gama de fatores linguísticos, como o pragmático, o semântico, o lexical, o gramatical, o social, ou seja, fatores estes que complementam a estrutura e funcionalidade do objeto de estudo dessa corrente linguística.

São vários os aspectos multiculturais que configuram um texto, pois o falante aciona uma complexa rede de fatores ao produzi-lo de forma escrita ou falada. As questões sociais, cognitivas e interacionais fazem com que os estudos da LT transformem o texto em um canal estruturado da seguinte forma: processo/ação/interação. Isso faz com que a LT represente um marco nas novas vertentes da linguística moderna.

É incabível abordar essa área de estudos e não mencionarmos o nome Luiz Antônio Marcuschi, considerando que esse autor deu o pontapé inicial sobre os estudos nessa área linguística, aqui no Brasil. Segundo o referido autor, a LT é uma das linhas mais promissoras da linguística atual, proporcionando assim, uma ampla investigação de seu objeto de estudo. O teórico (2012, p.26) pontua que: “neste caso, a LT é a descrição da correlação entre a produção, a constituição e a recepção de textos”. Dessa maneira, essa corrente linguística “deve prestar um serviço fundamental na elaboração de exercícios e na formação da capacidade hermenêutica do leitor, ao lhe dar o instrumento que o capacita para a compreensão de textos. (MARCUSCHI, 2012, p.33).

Dessa forma, o falante se comunica através do texto e não da frase como era abordado nos estudos linguísticos do período anterior. Em épocas não tão longínquas, a gramática da frase era tida como o centro dos estudos, porém esta não deu conta de analisar a materialidade textual. Diferentemente disso, na LT notamos a preocupação com os fatores de produção, recepção e interpretação do texto. Nessa perspectiva, a LT “dispõe,

porém, de um dogma de fé: o texto é uma unidade linguística hierarquicamente superior à frase. É uma certeza: a gramática de frase não dá conta do texto”. Vê-se, pois, que a visão da LT se concentra no estudo da entidade linguística concreta e dotada de sentido. (MARCUSCHI, 2012, p.16).

Postas estas questões, adentremos agora nas três formas de fazer LT: a) uma LT que tem por objeto textos numa esfera autônoma da linguagem, mesmo antes da constituição de textos nas diversas línguas. Então, texto seria aqui uma categoria universal e, neste caso, buscaríamos regras gerais para uma competência ampla; b) uma LT que veria o texto como o nível de estruturação de *cada língua*. Aqui se teria algo como uma “gramática de texto” ou “gramática transfrástica”, montada para cada língua como tal; c) toda a linguística nada mais é do que uma LT, já que todas as manifestações linguísticas se dão apenas com textos concretos. Neste caso, a gramática do texto seria o mesmo que a gramática da língua. A descrição da estrutura e funcionamento do texto seria a descrição da estrutura e funcionamento da língua. (COSERIU 1980, p.24-33 *apud* MARCUSCHI 2012, p.32)

Estas três posições são divergentes entre si. Coseriu (1980) considera a terceira um fracasso. As outras duas são consideradas razoáveis e viáveis, mas ele próprio faz uso da primeira posição (MARCUSCHI, 2012, p.32). Concomitantemente, a posição de Marcuschi (2012) para a LT é semelhante à apresentada por Coseriu (1980). No dizer do autor brasileiro:

Proponho que se veja a LT, mesmo que provisória e genericamente, como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais [...]. Em suma a LT trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. (p.33)

Vemos que o foco da LT é o texto tanto escrito como oral, uma vez que é nesse ambiente que a linguagem se manifesta. Para produzir um bom texto, portanto, é importante saber utilizar os critérios de textualidade, que serão tratados mais adiante, pois necessariamente, antes de abordá-los, precisamos tratar, mais detalhadamente da leitura e da escrita, como ferramentas facilitadoras para a construção do texto coerente e coeso.

### **A importância da leitura e escrita na construção do texto**

A invenção da escrita representa um grande marco na história da humanidade, porque antes do surgimento dela, as informações eram passadas de pai para filho de forma oral. Notadamente, na tradição oral, com o passar do tempo, as palavras se modificam, muitas informações são perdidas, há uma interferência social política e cultural sobre a importância das informações, fazendo com que algumas não sejam repassadas.

A escrita proporciona a permanência da informação. Ela perdura no tempo. Desse modo, a memória coletiva dos povos passou a ter outros meios de materialização, os hieróglifos, os papiros. Na modernidade, jornais, revistas, livros e internet. Vale dizer que a escrita se constitui como um divisor de águas na história da humanidade.

A atividade da escrita, na maioria das escolas, ainda é priorizada em detrimento à leitura, que é considerada como atividade fundamental a ser desenvolvida na escola. Convém destacar que a escrita tem como finalidade precípua a leitura e não o contrário. É a escola a instituição responsável pela sistematização do saber acadêmico, por isso precisa ter a leitura como atividade básica que pode dar ao aluno o devido suporte para uma produção de texto elaborada.

Nessa perspectiva, é pertinente destacar o dizer de Cagliari (2009, p.148-149): “A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola”. Ocorre que a maioria das escolas tem a escrita como prioridade e, ainda assim, escreve-se pouco e, muitas das vezes, sem sentido. Devemos considerar que a escrita, como atividade interativa, implica uma relação cooperativa entre duas ou mais pessoas. Sendo assim, toda atividade interativa deve pressupor um possível interlocutor, para que haja esmero. Quem escreve deve naturalmente escrever para alguém ou com alguma finalidade e não simplesmente como atividade para correção.

No entendimento de Antunes (2005, p.45):

A atividade da escrita é então uma atividade interativa de expressão, (ex: “para fora”), de manifestação verbal das ideias, informações, intenções, crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém, para, de algum modo interagir com ele. Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever.

Na produção de um texto, as frases e as palavras não funcionam isoladamente, uma a uma, mas estabelecem uma conexão de sentido. O texto é um jogo de perguntas e respostas entre os termos. Desse modo, o uso da escrita serve justamente para estabelecer esse processo de comunicar de forma coerente e coesa. Quem escreve, escreve para ser

lido, e a palavra escrita serve como um elo/laço entre quem fala e quem ouve; entre quem escreve e quem lê.

O texto serve como ponte entre os interlocutores do processo de comunicação, por isso, ao escrevermos, é imprescindível levarmos em conta esse interlocutor, como sujeito do processo da interação verbal, para que ele possa entender o que foi escrito. No que se refere à escrita enquanto o processo de interação, é válido destacar o que afirma Bakhtin (1995, p.113):

Na realidade toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia (sic) sobre mim numa extremidade, na outra se apóia (sic) sobre o meu interlocutor.

Na escrita textual, é necessário considerar as normas que regem a produção de um bom texto e, sobretudo entender o que é um texto. Do ponto de vista de Koch (2014, p.30):

[...] para que uma manifestação linguística constitua um texto, é necessário que haja a intenção do produtor de apresentá-la – e a dos parceiros de aceitá-la como tal –, em uma situação de comunicação determinada. Pode, inclusive, acontecer que, em certas circunstâncias, se afrouxe ou elimine deliberadamente a coesão e/ ou coerência semântica do texto com o objetivo de produzir efeitos específicos. Aliás, nunca é demais lembrar que a coerência não constitui uma propriedade ou qualidade do texto em si: um texto é coerente para alguém, em dada situação de comunicação específica. [...]. Este alguém, para construir a coerência, deverá levar em conta não só os elementos linguísticos que compõem o texto, mas também seu conhecimento enciclopédico, conhecimentos e imagens mútuas, crenças, convicções, atitudes, pressuposições, intenções explícitas ou veladas, situação comunicativa imediata, contexto sociocultural e assim por diante.

Nesse aspecto, vale salientar a necessidade de garantir o sentido nas produções textuais, levando em conta que o sentido do texto não se encontra nele, o sentido é construído a partir do próprio texto, conforme Koch (2014). Pode-se afirmar que o texto é uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo. Analisaremos a constituição do texto, adentrando, a seguir, mais profundamente na estrutura textual, verificando como acontece essa construção e quais os critérios textuais que regem a produção de sentido do texto.

### **Comentários acerca do texto**

A produção textual é uma interação entre sujeitos com objetivos sociocomunicativos sendo o principal desses, a comunicação. Produzir um texto é lidar com várias situações relevantes, tais como: expectativa, crenças, as mais diversas visões de mundo, pré-conhecimentos, pressuposições, convicções, entre outras. E, ao considerar todas essas situações, o produtor usa o texto como instrumento mediador para atingir a sua principal meta, a de comunicar.

Uma gama de regras, no entanto, precisa ser observada e seguida, o que torna complexo o objeto de estudo da LT. Um texto é uma unidade mínima significativa de sentido, independentemente de sua extensão, conforme ressaltam Halliday e Hasan (1976, p.195). Falar de texto é falar de comunicação e produção de sentidos que edificam o ambiente da interação entre um produtor e um receptor. Dessa maneira, um texto não pode ser escrito de qualquer forma, haja vista que o sistema da língua não permite tal situação.

Nesse entendimento, afirmam Azevedo e Tardelli (2004, p.45): “Produzir um texto na escola é, pois, realizar uma atividade de elaboração que se apura nas situações interlocutivas criadas em sala de aula; é um trabalho de reflexão individual e coletiva e não um ato mecânico, espontaneísta ou meramente reprodutivo”.

A concepção de texto, como é de conhecimento de muitos, é totalmente diferente ao ser comparada em dois níveis: no ensino básico e no nível superior, são duas situações distintas, mas passíveis de análises. No ensino básico, percebemos claramente as inconsistências encontradas nas produções textuais dos alunos, resultantes da forte influência da fala na escrita destes discentes. Além disso, a perpetuação do ensino que usa o texto como pretexto para o ensino gramatical e a correção meramente estrutural e ortográfica contribuem para que vários textos continuem apresentando sérios problemas linguísticos, já que não é exigida por parte do corpo docente uma reescrita e retextualização das produções, conforme Matêncio (2002). A reescrita ajuda o aluno a compreender que o texto segue um padrão de regras lineares.

No ensino superior, diferentemente do ensino básico, a concepção de texto é outra, uma vez que os acadêmicos de Letras mantêm contanto direto com os parâmetros linguísticos e isso proporciona uma gama de recursos eficientes para uma boa construção textual, embora, também, encontremos problemas atípicos em produções acadêmicas, não solucionados na educação básica.

A situação ideal seria que o ensino-aprendizagem na educação básica proporcionasse aos alunos a escrita de um texto com começo, meio e fim, adequando a escrita à norma culta da língua, amarrando as ideias numa sequência lógica de sentidos.

Ocorre que a realidade não condiz com o esperado: no ensino superior, em vez de se trabalhar a escrita científica, obedecendo as regras acadêmicas, a fim de expor contribuições para a ciência e para a sociedade, os professores, na maioria das vezes, estão tentando, primeiramente, sanar as deficiências dos alunos, para que eles, no final da graduação, na produção do Trabalho de Conclusão de Curso/ TCC, possam demonstrar resultados satisfatórios do aprendizado.

Vários teóricos reforçam a ideia de analisar as categorias textuais. Dentre eles, destacamos Marcuschi (2008, p.72), para quem o texto “É a unidade de manifestação da linguagem”, ou seja, o texto é o ambiente no qual a comunicação se materializa. Ele não é um amontoado de palavras, portanto precisa se adequar ao sistema, pois a sequenciação é primordial, entendendo que as partes de um todo semântico devem estar interligadas por vários critérios de textualidade. Nesse sentido, é imprescindível destacar o ponto de vista de Koch (2014, p.30):

Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir para ele, determinado sentido.

O texto, oral ou escrito, possibilita estudos e análises que têm a língua como instrumento, tomando como base a comunicação verbal. No dizer de Marcuschi (2008, p.51), há pelo menos dezenove pontos que podem ser trabalhados através de produções textuais, a saber: a) as questões do desenvolvimento histórico da língua; b) a língua em seu funcionamento autêntico; c) as relações entre as diversas variantes linguísticas; d) as relações entre fala e escrita no uso real da língua; e) a organização fonológica da língua; f) os problemas morfológicos em seus vários níveis; g) o funcionamento e a definição de categorias gramaticais; h) os padrões e a organização de estruturas sintáticas; i) a organização do léxico e a exploração do vocabulário; j) o funcionamento dos processos semânticos da língua; k) a organização das intenções e os processos pragmáticos; l) as estratégias de redação e questões de estilo; m) a progressão temática e a organização tópica; n) a questão da leitura e da compreensão; o) o treinamento do raciocínio e da argumentação; p) o estudo dos gêneros textuais; q) o treinamento da ampliação, redução e resumo de texto; r) o estudo da pontuação e da ortografia; e s) os problemas residuais da alfabetização.

Estes fenômenos, ora mencionados, podem ser trabalhados de forma interativa-textual em sala de aula, haja vista que muitos textos do ensino básico são problemáticos e complexos, trazendo sobre eles os mais diversos fenômenos linguísticos, ou seja, essas produções textuais formam um campo rico para pesquisas, uma vez que os textos:

Por vezes, eles carecem de coesão, formando conjuntos de frases soltas e, em outras, a têm em excesso causando enorme volume de repetições tópicas [...]. De resto, os textos escolares revelam ignorância e descompasso em relação à complexidade da produção oral dos alunos. (MARCUSCHI, 2008. p.53)

De um ponto de vista crítico, a pesquisa é essencial para transformar essa triste realidade. É tentando viabilizar uma melhorianestas produções textuais, ricas em incidentes, que a LT propõe novos olhares e perspectivas de mudança. Ensinar a produzir, compreender e analisar textualmente é o principal foco dos estudos linguísticos nesta área, numa perspectiva sociointeracionista.

Essa linha de análise evidencia que o aluno tem que aprender a ser um produtor de seus próprios discursos, mas também ter uma visão crítica no discurso do outro. “Nessa perspectiva, o trabalho em língua materna parte do enunciado e suas condições de produção para entender e bem produzir textos” (MARCUSCHI 2008, p.55). A visão sociointeracionista adotada em sala de aula possibilita uma grande transformação social, fazendo do aluno um participante ativo na produção do sentido.

Há que se considerar, também, que textos orais e escritos possuem formas, estilos e composições, manifestados em diferentes gêneros textuais/discursivos e que o sentido permeia cada produção. O sentido, na perspectiva deste estudo, refere-se ao todo coerente, o texto. Desse modo, analisar as formas do texto é essencial para conhecer como o aluno faz uso de elementos linguísticos com o intuito efetuar a comunicação desejada.

Nessa perspectiva de estudo, a comunicação pode ser oral ou escrita. No entanto, o ensino básico, na maioria das vezes, não dá o devido valor a fala. Ela não é tão estudada sistematicamente como a escrita. Isso é problemático, pois, como Marcuschi (2008, p.53) alerta, “[...] ao se enfatizar o ensino da escrita não se deve ignorar a fala, pois a escrita reproduz a seu modo e com regras próprias, o processo interacional da conversação, da narrativa oral e do monólogo, para citar alguns”. Desse modo, a escola deve ter por finalidade a leitura como centro do saber e, concomitantemente, a escrita e a fala.

Sabemos que a escrita e a fala são bases lineares da comunicação, da produção de texto e não são poucos os textos que apresentam reflexos da oralidade na escrita, porque

“um texto não se esclarece em seu pleno funcionamento apenas no âmbito da língua, mas exige aspectos sociais e cognitivos”, os quais também incluem a oralidade.(MARCUSCHI, 2008, p.65).

É nesse âmbito, ou seja, de não analisar somente os pontos linguísticos dos textos, que a concepção interacional se faz presente. A produção textual na sala de aula deve levar em conta alguns fatores que são imprescindíveis, como: a leitura deve sempre estar em primeiro lugar; a escrita e a fala precisam ter os mesmos valores no ensino-aprendizagem, porque as duas direcionam o caminhar das ideias.

Ao se trabalhar com textos de alunos, devemos lembrar que o discente já vem com uma grande bagagem de conhecimento e ele já tem um modo concreto de se expressar. Cabe ao professor aproveitar da melhor maneira possível esse conhecimento prévio e acrescentar as novas tendências linguísticas. Para Marcuschi (2008):

[...] o trabalho com a língua portuguesa, na perspectiva de uma LT, teria de se ocupar com algo a mais do que o ensino e aprendizagem de regras ou normas de boa formação de sequências linguísticas. Trata-se de um estudo em que se privilegia a variada produção e suas contextualizações na vida diária. (p.76)

É necessário analisar todos os aspectos possíveis que regem a produção textual, pois “o texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”. (BEUGRANDE, 1997, p.10*apud* MARCUSCHI, 2008, p.72)

Vemos, dessa forma, que o texto possui um todo semântico mediado por critérios de textualidade que funcionam como base constituinte desse complexo significativo, a saber: coesão, coerência, informatividade, situacionalidade intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade, conforme nos mostra Marcuschi (2008). Continuando a discussão, passaremos agora a analisar os critérios textuais que servem de base central para o estudo e para a estruturação do texto.

## **Crítérios de Textualidade**

### **Coesão**

No que diz respeito à coesão, convém frisar que é a ligação coerente entre as partes de um texto, produzida por uma escolha correta de operadores textuais; ela funciona como um conector entre frases e parágrafos e tem como função agir juntamente com a coerência

para dar um sentido amplo ao texto. Sobre essa interdependência, Koch (2014, p.58) ressalta que:

Portanto, nos textos em que a coesão está presente – já que ela não é condição nem necessária, nem suficiente da coerência -, pode-se afirmar que ambas passam a constituir as duas faces de uma mesma moeda, ou então, para usar de uma outra metáfora, o verso e o reverso desse complexo fenômeno que é o texto.

Considerando que a coesão funciona como parte do sistema de uma língua, embora se trate de uma relação semântica, ela é realizada como ocorre com todos os componentes do sistema semântico – através do léxico gramatical. Na coesão temos subáreas que são imprescindíveis na produção de um texto. São elas: a coesão lexical, a referenciação, a substituição, a conjunção e a elisão. São mecanismos linguístico-gramaticais que proporcionam uma produção textual coerente e coesa e evitam vãs repetições.

### **Coesão lexical e referenciação**

É obtida pela repetição de itens lexicais idênticos ou que possuam o mesmo referente como bem lembra Fávero (2003). Com isso, nota-se a importância de tais mecanismos na construção de bons textos, facilitando a elaboração de produções e o entendimento do leitor. Sobre a perspectiva de coesão lexical, Antunes (2005, p.50) afirma: “É impossível, pois, ressaltar que a continuidade que se instaura pela coesão é, fundamentalmente, uma continuidade de sentido, uma continuidade semântica, que se expressa, no geral, pelas relações de reiteração, associação e conexão”.

Salientamos que também é válido o que destaca Koch (2004, p.18) sobre a coesão lexical: “[...] pode-se afirmar que o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual”. De acordo com Fávero (2003), a coesão textual pode ser referencial anafórica ou catafórica, responsáveis por formar compartimentos coesivos mais ou menos longos.

No que tange à coesão referencial, Koch (2004, p.31) salienta: “Chamo, pois, de *coesão referencial* aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual”. A referencial anafórica faz referência a um signo já expresso, e a referencial catafórica a um signo ainda não expresso. Existem, portanto, três tipos: a) pessoal (pronomes pessoais e possessivos);b)

demonstrativa (pronomes demonstrativos e advérbios de lugar) e c) comparativa (por via indireta, através de similares).

## **Substituição**

A substituição consiste na colocação de um item no lugar de outro(s): nominal, por meio de pronomes pessoais, numerais, etc. verbal pelo qual o verbo “fazer” substitui o causativo “ser”, substituto existencial; elipse, omissão de um item identificável pelo contexto através das conjunções que não são por si só coesivas, mas indiretamente por estabelecer relações entre as orações. E, também, a reiteração que incide na repetição de expressões. Desse modo, a substituição

Consiste, para Halliday e Hasan, na colocação de um item em lugar de outro(s) elemento(s) do texto, ou até mesmo, de uma oração inteira. Seria uma relação interna ao texto, em que uma espécie de “coringa” é usado em lugar da repetição de um item particular. (KOCH, 2004, p.20)

Dessa maneira, o mecanismo da substituição é utilizado como objeto facilitador para não cometermos ambiguidade ou redundância no texto, como também serve para tornar a produção textual linear e coesa.

## **Conjunção**

Ela está ligada à sequencialização textual, como a causalidade, a temporalidade, a consequência, dentre outras orações subordinadas e/ou coordenadas, e servem para tornar o texto linear e sequencial. Sobre a conjunção, assim diz Fávero (2003, p.14):

[...] tem natureza diferente das outras relações coesivas por não se tratar simplesmente de uma relação anafórica. Os elementos conjuntivos são coesivos não por si mesmos, mas indiretamente, em virtude das relações específicas que se estabelecem entre as orações, períodos e parágrafos. Essas diferentes relações conjuntivas possuem uma série de equivalentes estruturais.

Vemos claramente que conjunções propulsionam a linearidade e o sentido das orações subordinadas e coordenadas. São expressões como: mas, todavia, contudo, nem, e, embora, pois, porque, etc. Sobre esse mecanismo coesivo é de suma importância salientar o que pontua Koch (2004, p.21):

A conjunção ou (conexão) permite estabelecer relações significativas específicas entre elementos ou orações do texto. Tais relações são assinaladas explicitamente por marcadores formais que correlacionam o que está para ser dito. Trata-se dos diversos tipos de conectores e partículas de ligação como e, mas, depois, assim, etc. Halliday e Hasan apresentam, como principais tipos de conjunção, a aditiva, a adversativa, a causal, a temporal e a continuativa.

Depreendemos que a conjunção é um mecanismo imprescindível para as normas da produção textual, uma vez que ela viabiliza uma construção concatenada e dotada de sentido.

### **Elisão**

O último elemento atrelado a coesão, neste estudo, é a elisão. Este mecanismo coesivo ocupa, no texto, a função de omissão e representa uma ideia de sujeito oculto no enunciado. Nas palavras de Fávero (2003, p.14), a elisão é a “omissão de um item lexical recuperável pelo contexto, ou seja, a substituição por zero (0). Pode ocorrer elipse de elementos nominais, verbais e oracionais”.

### **Coerência**

Quanto à coerência, é pertinente salientar que diz respeito à estrutura profunda do texto. Este critério relaciona-se ao sentido do texto e é imprescindível na produção textual, pois ela está atrelada à ordem das ideias e dos argumentos. É totalmente ligada à coesão. Sem coerência o texto se torna impossível de ser entendido e não comunica. “Portanto, para haver coerência é preciso que haja a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos”. (KOCH, 2014, p.22)

A coerência em um texto se apresenta em forma de sentido e de enunciados ligados de maneira ordenada, significativa e de fácil entendimento por parte do leitor para chegar à compreensão do texto como um todo coerente. Essa ordenação consiste em expor as ideias de forma concatenada, de modo que remetam a um item já expresso e, ao mesmo tempo, em renovar conteúdos, ou serão apenas meras repetições que tornam o texto incoerente, sem nenhuma informação que contraponha o que foi mencionado anteriormente. Para Antunes (2009, p.93) a coerência diz respeito a

Construir um texto, capaz de funcionar sociocomunicativamente num contexto específico, uma operação de natureza também lexical e gramatical. Quer dizer, não se pode escolher aleatoriamente as palavras nem arrumá-las de qualquer jeito; nem tampouco optar por qualquer sequência de frases.

É necessário um conhecimento linguístico por parte do escritor e do leitor para não tornar os textos um emaranhado de palavras sem significação alguma, de difícil decodificação. Palavras ou frases soltas não podem ser consideradas textos. Para a produção ou leitura de um texto coerente são indispensáveis três tipos de conhecimento, a saber: o conhecimento enciclopédico (memória semântica), que é a organização dos conhecimentos e situações do mundo real nas quais são estabelecidas relações lógicas; o conhecimento linguístico, que compreende o conhecimento tanto lexical, quanto gramatical que dão total suporte linguístico à estrutura superficial do texto, isto é, à linearidade sequencial e referencial da produção textual. (KOCH, 2014, p.32). Por último, temos o conhecimento sociointeracional, que consiste na organização de interação e de ações verbais da linguagem, seguindo modelos globais como nos esclarece Fávero (2003) e Koch (2014).

Em outras palavras, para produção de um texto coerente e coeso é fundamental não só dominar as regras que norteiam a língua, mas também ter uma vivência, conhecimento de mundo por parte do produtor, que buscará informações sobre o repertório do público-alvo. Caso isso não ocorra, o texto possivelmente será incoerente diante do tipo de situação e de receptor ao qual o texto se destina.

## **Intertextualidade**

Esse fator permite uma ligação na qual os textos se comunicam com outros textos. A intertextualidade nos mostra a interdependência de um texto para com o outro, porque um texto só tem sentido em relação e comparado a outro. Não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto encontra-se isolado. Esses textos têm uma relação com outros textos já ditos, dos quais absorve algumas características para atribuir outra feição.

Isso significa que todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou, a que opõe. (KOCH, 2014, p.59)

No entendimento de Marcuschi (2008, p.130), “pode-se dizer que a intertextualidade é uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinados mantém com outros textos”. Assim, vemos uma ligação direta ou indireta de um texto para outro todo significativo, o que compreende a intertextualidade.

### **Intencionalidade**

Este critério nos passa uma ideia sobre o que o texto e o autor pretendem tratar durante todo o desenrolar do enunciado. Com base em Marcuschi (2008), a intencionalidade está ligada aos objetivos pretendidos pelo autor. Ela revela o esforço do produtor do texto em construir uma comunicação eficiente, capaz de proporcionar um discurso tanto coerente quanto coeso e, assim, satisfazer os objetivos de ambos os interlocutores.

Considera-se a intenção do autor como um fator relevante para a textualização, pois nenhum texto é inocente, todos tem uma intenção. Um texto é produzido com uma finalidade que deve ser compreendida pelo leitor. “Com base na intencionalidade, costuma-se dizer que um ato de fala, um enunciado, um texto é produzido com objetivo, uma finalidade que deve ser captada pelo leitor” (MARCUSCHI, 2008, p.127). Dessa forma, o texto deverá ser compatível com os objetivos de quem o elabora.

### **Situacionalidade**

A situacionalidade é justamente a adequação da manifestação linguística a uma situação comunicativa do texto e ela está relacionada ao contexto, sempre se referindo ao fato de relacionar o evento textual à situação comunicativa. A situação ajuda a direcionar o sentido do discurso, tanto em sua produção como também em seu entendimento. Essa situação comunicativa interfere diretamente na produção do texto.

A função desse critério de textualidade é adequar o texto à situação em que há uma comunicação. O modo como os produtores de um texto situam um contexto na qual a produção se embasaria uma cadeia linear coerente. Segundo Marcuschi (2008, p.128), “a situacionalidade não só serve para interpretar e relacionar o texto ao seu contexto

interpretativo, mas também para orientar a própria produção. A situacionalidade é um critério estratégico”.

## **Informatividade**

Todo texto é produzido com a intenção de ser lido e compreendido pelo receptor da comunicação. Desse modo, o rema<sup>3</sup> a ser trabalhado deve tratar, essencialmente, de contextos acessíveis ao leitor. No mais, o critério da informatividade faz com que o texto se torne coerente no desenvolvimento dos tópicos referentes ao conteúdo. Temos, no entanto, que tomar bastante cuidado, pois o conhecimento sobre os temas a serem abordados precisam ser aprofundados.

Também, devemos observar que o excesso de informações pode desmotivar o leitor por não poder armazená-las na totalidade. É importante que o texto trate de informações que tragam novidades, mas que sejam compreensíveis. “A rigor, a informatividade diz respeito ao grau de expectativa ou falta de expectativa, de conhecimento ou desconhecimento e mesmo incerteza do texto oferecido” (MARCUSCHI, 2008, p.132). Portanto, a informação é, essencialmente, necessária nesse contexto, pois ela é responsável em mostrar o que o texto quer transmitir.

## **Aceitabilidade**

A aceitabilidade está totalmente ligada à intencionalidade e diz respeito à atitude do receptor do texto. De acordo com Marcuschi (2008, p.128), “A aceitabilidade, enquanto critério de textualidade, parece ligar-se às noções pragmáticas e ter uma estreita interação com a intencionalidade [...]”. Como a aceitabilidade diz respeito à expectativa do receptor, daí a dificuldade em estabelecer os seus limites. Dessa forma, a aceitabilidade é inerente ao receptor, porque ela analisa o nível de coerência e coesão que o texto utiliza, sendo capaz de levar o receptor a aceitar o texto produzido e, conseqüentemente, ampliar os seus conhecimentos.

## **Considerações finais**

---

<sup>3</sup> Na visão de Koch (2014), o rema é a informação nova, a partir de um tema dado.

Este estudo procurou realizar uma breve discussão acerca dos fatores de textualidade, que são imprescindíveis na construção textual. A produção de texto comporta vários aspectos que a constitui, como os discursivos, gramaticais, estruturais, textuais entre outros. No presente estudo, discorreremos sobre os aspectos textuais. Notamos que eles regem a produção textual e dão forma e função ao texto produzido. Estes aspectos fazem com que o todo significativo se torne um conjunto de orações concatenadas por uma estrutura concreta.

A nosso ver, eles dão forma e função ao texto, não podendo faltar nem ultrapassar a materialidade textual. Com isso, acreditamos que os critérios de textualidade precisam ser trabalhados na sala de aula para fazer com que os discentes possam se familiarizar com esses mecanismos textuais e consigam produzir textos coerentes.

Compreendemos, contudo, que o ensino-aprendizagem, principalmente da escrita, poderia ter resultados satisfatórios se os alunos aprendessem o que são fatores de textualidade, quais são e como utilizá-los na produção de texto. E para dar cumprimento a este trabalho, é válido parafrasearmos Karl Marx: “professores e professoras de todos os países, uni-vos”.

## Referências

ANTUNES, Irandé Costa. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo, Parábola editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

AZEVEDO, Claudinéia B. e TARDELLI, Marlete C. Escrevendo e falando na sala de aula. In CHIAPPINI, Lígia. *Aprender e ensinar com textos de alunos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

CAGLIARI, Luís Carlos. *Alfabetização e Linguística*. 11. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

CAVALCANTE, Maria do Socorro de Oliveira, et al. *Análise do Discurso: Fundamentos e Prática*. 1. ed. Maceió: Edufal, 2009.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2003.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. New York: Longman, 1976.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto 2014.

\_\_\_\_\_. *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. *Linguística textual: o que é e como se faz*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MATENCIO, M. L. M. *Atividades de retextualização em práticas acadêmicas: um estudo do gênero resumo*. Scripta, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 25-32, 2002.